

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS ALMEIDA PEREIRA

**ACOLHER+: UM PROJETO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO PARA
PESSOAS LGBTQIA+**

CURITIBA

2022

MATHEUS ALMEIDA PEREIRA

**ACOLHER+: UM PROJETO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO PARA
PESSOAS LGBTQIA+**

Acolher+: A Temporary Reception Project for Lgbtqia+ People

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo do Curso de Tecnologia em Design Gráfico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Claudia Bordin Rodrigues da Silva

**CURITIBA
2022**



. Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são

MATHEUS ALMEIDA PEREIRA

**ACOLHER+: UM PROJETO DE ACOLHIMENTO TEMPORÁRIO PARA PESSOAS
LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do título de
Tecnólogo em Design Gráfico da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 20 de junho de 2022

Claudia Bordin Rodrigues Da Silva

Doutora

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Silmara Simone Takazaki

Doutora

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Andre Felipe Batistella Souza

Mestre

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

**CURITIBA
2022**

Dedico este trabalho à minha família, por todo o apoio, sem eles não teria conseguido finalizar esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família e amigos, que sempre me apoiaram e sem eles não seria possível a realização deste projeto.

A todos os professores e servidores da UTFPR, que de certa forma contribuíram cada um para a minha conclusão da graduação.

Obrigado especialmente a minha mãe, por sempre me apoiar em todos os momentos, e a minha amiga Leticia Lorente, que me doou meu primeiro material no início da graduação, e que contribuiu muito para o momento inicial do meu curso.

Todas as diretrizes são resultado de um planejamento e todo planejamento é resultado de sonhos. (AUGUSTO; Flávio, 2010).

RESUMO

Este trabalho teve como motivação ajudar pessoas LGBTQIA+ a encontrarem um abrigo ou lar temporário, quando estiverem precisando de ajuda. Sofrer discriminação e expulsão familiar é uma realidade de muitas pessoas LGBTQIA+ brasileiras, onde em muitos casos não possuem algum órgão responsável ou informação suficiente para receber a ajuda necessária. Como o Design pode auxiliar a realizar a divulgação destas informações e a minimização deste problema? O problema que partiu a criação deste projeto é que não há a divulgação desta informação para quem precisa, e não há a divulgação de quem realiza estes trabalhos. Sendo assim tivemos dois públicos alvo: as organizações e as pessoas acolhidas. Para realizar o levantamento teórico, foi realizada uma pesquisa sobre escritores e artigos históricos sobre o tema, onde conseguimos compreender um pouco o motivo da causa desta discriminação. Esse preconceito que acontece atualmente em nossa sociedade já existe historicamente? Tanto quanto a história das casas de acolhimento. Após a pesquisa, conseguiu-se entender a realidade destas pessoas, que foi fundamental para enxergar de perto o que estas pessoas passam. Para isto, foi contactada as organizações que realizam projetos de acolhimento para o fim de entender a sua realidade. Foi realizado também, uma pesquisa de trabalhos ou projetos relacionados ao tema, para verificar se já existe alguma alternativa atualmente que realiza este auxílio as pessoas que estão em situação vulnerável. A ideia foi de que a plataforma realizasse a junção de informações que atualmente estão dispersas na internet e pessoas que estão em vulnerabilidade precisam de um retorno urgente, e uma página unificando este processo poderia auxiliar o público alvo, que precisa desta informação o mais rápido possível. O projeto realizado teve como objetivo o desenvolvimento da identidade gráfica de uma plataforma web, que centralizou dados de uma pesquisa sobre locais e nas redes sociais, que se articulam como casas de acolhimento. Ao final, refletiu-se sobre o papel do design como articulador de ferramentas de comunicação como a proposta.

Palavras-chave: Homofobia; LGBTQIA+; Acolhimento; Expulsão; Transfobia.

ABSTRACT

This work was motivated to help LGBTQIA+ people find a shelter or temporary home when they need help. Suffering discrimination and family expulsion is a reality of many Brazilian LGBTQIA+ people, where in many cases do not have any responsible body or enough information to receive the necessary help. How can Design help disseminate this information and minimize this problem? The problem that started the creation of this project is that there is no disclosure of this information to those who need it, and there is no disclosure of who performs these works. Therefore, we had two target audiences: organizations and welcome people. To carry out the theoretical survey, a survey was carried out on writers and historical articles on the subject, where we could understand a little the reason for the cause of this discrimination. This prejudice that currently happens in our society already exists historically? As much as the history of shelters. After the research, it was possible to understand the reality of these people, which was fundamental to see closely what these people go through. For this, we contact the organizations that carry out hosting projects to understand their reality. It was also carried out research of works or projects related to the theme, to verify if there is already any alternative currently that performs this aid to people who are in a vulnerable situation. The idea was that the platform would gather information that is currently dispersed on the internet and people who are in vulnerability need an urgent return, and a page unifying this process could help the public-target, who needs this information as soon as possible. The project aimed to develop the graphic identity of a web platform, which centralized data from a survey of places and social networks, which are articulated as shelters. In the end, it was reflected on the role of design as articulator of communication tools as the proposal.

Keywords: Homophobia; LGBTQIA+; Reception; Expulsion; Transphobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Figura representativa dos Métodos de Design	15
Figura 2 - Foto de Marsha P. Johnson	18
Figura 3 - Registro de Stonewall, 1969.....	19
Figura 4 - Capa do jornal "Lampião da Esquina, 1979.....	21
Figura 5 - Capa da Revista ChanacomChana	21
Figura 6 - Registro do Encontro Nacional de Travestis e liberados	23
Figura 7 - Katya Tepety, eleita primeira vereadora trans do Brasil, em 1992....	23
Figura 8 - Mapa cronológico do movimento LGBTQIA+ no Brasil e no mundo	26
Figura 9 - Imagem de divulgação da série "Pose"	27
Figura 10 - Capa Espaço Curitibano.....	30
Figura 11 - Logomarca Casa Aurora	30
Figura 12 - Logomarca Transviver.....	30
Figura 13 - Logomarca Coletivo Aurichanos (Casa destinada a acolhimento LGBTQIA+ na região de do Largo do Arouche, em São Paulo	31
Figura 14 - Logomarca All Out	31
Figura 15 - Captação de tela da página "Acolhe LGBT"	32
Figura 16 - Captação de tela da página "Todxs"	32
Figura 17 - Captação de tela do aplicativo "Todxs"	33
Figura 18 - Captação de tela do blog "Casa Vogue".....	33
Figura 19 - Captação de tela do website "Gente.Globo"	33
Figura 20 - Captação de tela de contato com a ONG "grupo arco íris"	34
Figura 21 - Captação de tela da Página de direitos LGBTQIA "Acolher +"	38
Figura 22 - Captação de tela da Página principal fictícia do projeto Acolher+.	39
Figura 23 - Paleta de Cores projeto Acolher+.....	40
Figura 24 - Variações de fundo, logotipo Acolher+	41
Figura 25 - Alfabeto representativo da Fonte Montserrat Black.....	41
Figura 26 - Alfabeto representativo da fonte Homework Regular	42
Figura 27 - Modelo de Aplicação da marca Acolher+ em papelaria	42
Figura 28 - Modelo de representação da marca Acolher+ em boné.....	43
Figura 29 - Wireframe da página Acolher+	44
Figura 30 - Bandeiras de categorias LGBTQIA+	45
Figura 31 - Elementos de representação de pessoas LGBTQIA+	45
Figura 32 - Elementos visuais de representação LGBTQIA+	46
Figura 33 - Elementos visuais LGBTQIA+.....	46
Figura 34 - Instagram Acolher+.....	47
Figura 35 - Acolher+ Versão Mobile	48
Figura 36 - Protótipo final Plataforma Acolher+	49
Figura 37 - Captura de tela do grupo Curitiba LGBTQIA+.....	50
Figura 38 - Captura de tela do Grupo CURITIGAY	50
Figura 39 - Material de Apoio/Flyer de informações Acolher+.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - ONG's, endereços e contatos.....	37
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais, Queer, Intersexo e Assexuados
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
TODXS	Todos
ONG'S	Organizações não governamentais
APP	Aplicativo
OMS	Organização Mundial da Saúde
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Problema	13
1.2	Objetivo Geral	13
1.3	Objetivos Específicos	13
1.4	Justificativa	14
1.5	Metodologia	14
1.5.1	Briefing/pesquisa	15
1.5.2	Prototipagem	15
1.5.3	Apresentação da plataforma para o público alvo	16
2	ESTUDOS HISTÓRICOS/POLÍTICOS LGBTQIA+	17
2.1	Início do movimento LGBTQIA+	17
2.2	Movimento LGBTQIA+ no Brasil	20
2.3	Luta LGBTQIA+ ao longo dos anos	21
2.4	Questionamento sobre distinção de gênero	26
2.5	Criação das casas de acolhimento no Brasil e no mundo	26
2.6	Referências Linguísticas no mundo LGBTQIA+	28
3	DESENVOLVIMENTO	29
3.1	Pesquisa com público alvo e projetos semelhantes	29
3.1.1	Ong's e grupos de apoio	29
3.1.2	Plataformas de acolhimento	31
3.2	Entrevista com público alvo e organizações de acolhimento	34
3.2.1	Método de contato	34
3.2.2	“Bate papo” com as ong's	34
3.2.3	Identificação da necessidade	35
3.2.4	Levantamento de contatos e instituições	36
3.3	Geração de ideias e referência inicial	36
3.3.1	Página inicial/cadastro	37
3.3.2	Sobre	37
3.3.3	Direitos LGBTQIA+:	37
3.3.4	Como funciona	37
3.3.5	Depoimentos	37
3.3.6	Entre em contato:	37
3.4	Paleta de cores/elementos visuais	39

3.5	Logomarca do projeto	40
3.6	Tipografia logotipo	41
3.7	Modelos de aplicação da marca	42
3.8	Wireframes	43
3.9	Elementos visuais	45
3.10	Funcionamento e manutenção da plataforma	46
3.11	Instagram e versão Mobile	47
3.12	Resultado final.....	48
3.13	Apresentação da plataforma para o público alvo.	49
3.14	Material de apoio.....	50
4	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS.....	53
	APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista.....	56
	APÊNDICE B - Logomarca Acolher+	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa de TCC teve como tema o acolhimento LGBTQIA+, a partir da preocupação com a expulsão de jovens de suas residências, aumentada decorrente da pandemia. Por identificação e sensibilidade ao tema e por saber que o design gráfico pode atuar como articulador de temas que precisam de visibilidade - na informação e comunicação - o foco deste trabalho foi articular uma comunicação voltada a esse problema, pensando sobre as demandas e as necessidades emergentes.

1.1 Problema

Falta de divulgação de lares de acolhimento temporário destinado a pessoas LGBTQIA+. Como o design pode auxiliar o acolhimento de pessoas LGBTQIA+ em lares temporários?

1.2 Objetivo Geral

Desenvolver a identidade gráfica de uma plataforma web, como também sua conceituação e prototipação. Esta plataforma foi destinada a divulgação de casas de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ que foram expulsas, ou em condições de vulnerabilidade a encontrarem um abrigo ou lar temporário.

1.3 Objetivos Específicos

- Realizar uma pesquisa a fim de compreender parte da realidade das organizações que realizam o acolhimento de pessoas LGBTQIA+ que passam por exclusão familiar;
- Fazer um levantamento acerca de lugares que realizam projetos de acolhimento de pessoas LGBTQIA+, assim como suas comodidades e exigências;
- Definir o objeto de criação (app ou site) conforme pesquisa com o público alvo, que seria tanto as organizações quanto as pessoas que precisam de acolhimento.
- Estabelecer metodologia de Design, e Através do Design, criar uma plataforma de conexão de informações entre os dois públicos alvo: as organizações de acolhimento e as pessoas desabrigadas.

1.4 Justificativa

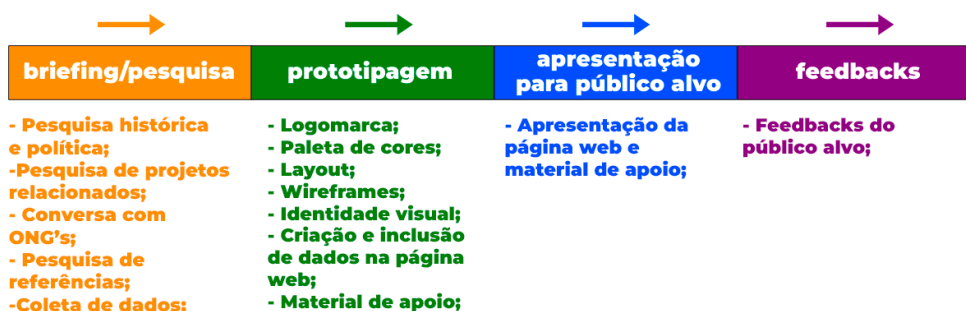
Segundo estudos, o Brasil foi considerado no início de 2021, pela 12ª vez, ocupando o primeiro lugar do ranking dos países que mais matam pessoas transgêneros, transexuais ou homossexuais no mundo. Este número cresce desde 2008, quando começou a ser analisado. “Além disso, o Brasil registrou em 2017 445 casos de assassinato a homossexuais, o que é um fator preocupante a pessoas que são desta comunidade.” (BORGES, Rebeca; COSTA, Mariana; MENEZES, Bruno. Revista Metrôpoles, 2021).

E viver em um país com tanta discriminação, onde poderia buscar ajuda pessoas que precisam de abrigo ou lar temporário? Onde estas pessoas que sofreram discriminação e expulsão familiar podem recorrer? Esta é a dificuldade de tantas pessoas brasileiras que são LGBTQIA+, e acabam tendo em casos extremos, morando na rua pois estão nesta condição de desabrigadas. Este trabalho foi iniciado para que possamos analisar os fatores que inicialmente geram a expulsão de pessoas de casa por seus familiares, e para mostrar se possuímos alguma solução mesmo que temporária para pessoas nessas condições. Este é um tema pouco discutido em nossa sociedade, e discutido principalmente por pessoas que fazem parte desta comunidade. O Design pode ser um aliado para a minimização deste problema, desenvolvendo um aplicativo ou website onde pessoas nesta condição possam ser auxiliadas a buscar e encontrar alternativas de acolhimento e lares temporários.

1.5 Metodologia

Métodos de Design utilizados para a configuração da construção do projeto.

Figura 1 - Figura representativa dos Métodos de Design



Fonte: Própria (2022)

1.5.1 Briefing/pesquisa

Pesquisa teórica/levantamento de dados: Foi realizada uma pesquisa teórica para compreender tanto as referências visuais como as visões históricas. Precisou-se entender se existem projetos relacionados ao tema, ou se existem trabalhos realizados que sejam similares ao objetivo deste trabalho. Entender o desejo do público alvo auxiliou na criação de alternativas direcionadas para estas pessoas. Precisou-se desenvolver este trabalho para que seja melhor utilizado pelos usuários. Estudos de referência foram utilizados para compreender quais elementos podem ser melhor utilizados, e quais conceitos já estão sendo aplicados.

1.5.2 Prototipagem

- Desenvolvimento de alternativas para logomarca/identidade visual do projeto: antes de criar a plataforma, foi necessária a criação da logomarca e identidade visual do projeto;
- Baseado nas informações do briefing e dados pesquisados, foi realizada alternativas que serão direcionadas para pessoas que utilizarão o nosso projeto;
- Desenvolvimento da plataforma: após a criação da logomarca do projeto, foi desenvolvido a plataforma e inclusão das informações necessárias para que sejam utilizadas pelo usuário;
- Foram inclusas as informações de órgãos de acolhimento, de direitos LGBTQIA+ e também dados de contato para que o usuário possa realizar o contato para que seja informado aos órgãos que precisa de ajuda;

- Foi realizada a inclusão da identidade visual no site/app, para que siga o padrão da marca;

1.5.3 Apresentação da plataforma para o público alvo

Prototipagem da Logomarca e Plataforma: foi realizado apresentações de aceitação do público alvo e usabilidade da plataforma, onde será possível entender o comportamento do usuário, e se a informação repassada pela plataforma está sendo entendida e utilizada corretamente por quem precisa. Entender o primeiro comportamento de usuário após a utilização auxílio a ajustar o que for necessário.

2 ESTUDOS HISTÓRICOS/POLÍTICOS LGBTQIA+

Embora as lutas estejam uma das pautas constantes no sec. 21 e as discussões sobre gênero tenham avançado, ainda temos que lidar com discussões sobre o preconceito e conceitos ultrapassados como: homossexualidade como doença e fatores biológicos. Estes são geradores de preconceito e envolvem a relação da moradia, ao entender que muitos jovens e adultos são expulsos de casa por seus familiares simplesmente pela opção da sua orientação e sexualidade. Partimos cronologicamente desde o início do movimento sexual e também das casas e organizações de acolhimento, até os dias atuais.

2.1 Início do movimento LGBTQIA+

Historicamente falando, a homossexualidade existe em nossa sociedade a muito tempo, onde os primeiros indivíduos homossexuais são datados de cerca de 1.200a.C., onde “estudiosos confirmam que a orientação homossexual era aceita em diversas civilizações” (STOODI, Blog. Sem autor. 2021). Mas em muitas outras partes do mundo esta comunidade foi torturada, violentada e até morta, o que acontece em muitos casos até os dias atuais.

Cansadas de serem oprimidas e humilhadas, em 1952 mulheres transexuais e travestis criaram o primeiro grupo de militância: Transvestia: The Journal of the American Society for Equality in Dress. Duas figuras muito importantes neste movimento foram Sylvia Rae Rivera e Marsha P. Johnson, nas quais também futuramente seriam chaves importantes na Rebelião de Stonewall, nos Estados Unidos.

Figura 2 - Foto de Marsha P. Johnson

Fonte: Revista Híbrida (2020)

Até 1960 era crime ser homossexual nos Estados Unidos, exceto no estado de Illinois. Alan Turing sendo exemplo bastante conhecido desta comunidade, em 1952, apesar dos seus feitos para auxiliar seu país na Segunda Guerra mundial foi castrado quimicamente como pena por ser homossexual. Para termos noção de que este movimento ainda é recente historicamente, ainda em 2010 ter relações homossexuais é considerado crime em mais de 73 países, sendo que 13 punem com a pena de morte.

Em 1969, travestis, gays, lésbicas e Drag queens enfrentaram forças policiais em um movimento que serviu como base para o movimento LGBTQIA+ no mundo. Este episódio foi denominado Rebelião de Stonewall (ou Stonewall Riot, em inglês), e durou um total de 6 dias como revolta a uma rotina preconceituosa policial, que tinha o objetivo de batidas e revistas de cunho humilhante em bares e boates gays na cidade de Nova York. Em consequência deste movimento, foram criados dois grupos muito importantes para a história do movimento LGBTQIA+: o Gay Liberation Front (GLF) e o Gay Activists Alliance (GAA).

Figura 3 - Registro de Stonewall, 1969

Fonte: Revista Gama (2020)

Os primeiros registros das manifestações homossexuais no Estados Unidos foram na época de 1960, onde já existia uma conferência chamada ERCHO (Eastern Regional Conference of Homophile Organizations) com o objetivo de reunir organizações a favor dos direitos da população homossexual. E em 1965, no dia da independência dos Estados Unidos, estes membros se reuniram em frente ao Salão da Independência na Filadélfia, para reivindicar os direitos homossexuais que não eram garantidos para a população gay. “Este movimento passou a acontecer anualmente na Filadélfia, e o evento foi chamado de Annual Reminder, ou “lembrete anual””. (COSTA, Luísa. 2021).

Em 1970, aniversário de Stonewall, uma passeata partiu da Rua Christopher até o Central Park em Nova York, e foi assim que nasceu a Christopher Street Gay Liberation Day – ou Dia da Libertação Gay da Rua Christopher, na qual a fila de participante se estendia por 15 quarteirões.

Até 1973, ainda era utilizado o termo de doença mental para definir a homossexualidade. Tais conceitos foram utilizados pela sociedade em sua maioria heterossexual, tradicional e familiar, para reprimir o que é visto como diferente. “Uma ameaça contaminante a ordem social estabelecida” (MISKOLCI, Richard. 2014).

Entender a homossexualidade como uma construção social e não biológica ou patológica já era um trabalho realizado vários anos antes, em 1968 com “The Homosexual Role”, trabalho desenvolvido por Mary McIntosh. Após este trabalho, foi

marcado pelo início do movimento homossexual, e dos estudos gays e lésbicos que perduram até os dias atuais. Mas estes dados ainda representam uma minoria de pessoas que fazem parte desta sociedade que pode ser definida como discriminatória, e estes trabalhos vem desde então nos auxiliando a compreender que de fato a homossexualidade não é uma doença, e apenas, uma escolha de cada pessoa sobre a sua preferência sexual.

Mais tarde em meados dos anos 80 com o surto da aids pairando sobre a sociedade, e que pessoas homossexuais estariam sendo de certa forma “castigadas” por apenas serem quem são. Em países considerados mais desenvolvidos economicamente, como os Estados Unidos, esta proposta de projeto para minimização na época da pandemia foi menos “aceita pela parte empreendedora e familiar, que ainda considerava o conceito de anti-homossexualidade”. (MISKOLCI, Richard.2014.)

Este conceito nos faz refletir sobre a doutrinação da “família tradicional”, o que já era discutido por autores e estudiosos nos anos 80, mas que perdura até os dias atuais. Além da doutrinação familiar há também a política e a religiosa, que ainda pregam a homossexualidade e transexualidade como inerente a sociedade, rejeitada por esta classe dominante e que prejudica a vida de centenas de pessoas no mundo todo. Este olhar crítico a “hegemonia heterossexual” foi utilizado desde então para quebrar o conceito de que a homossexualidade afeta as nossas relações políticas, sociais e jurídicas, o que de fato não afeta.

2.2 Movimento LGBTQIA+ no Brasil

O Movimento LGBTQIA+ brasileiro, teve seu início durante o período de 1964 a 1985 (era da Ditadura Militar), período de grande injustiça e repressão. Assim teve início de publicações homossexuais abertas como os jornais Lampião da Esquina e ChanacomChana, nos quais foram de extrema importância para o desenvolvimento e amadurecimento do movimento no Brasil. O jornal Lampião da Esquina surgiu no ano de 1978, e tinha o principal objetivo de denunciar diversas violências a comunidade LGBTQIA+ como também outros assuntos sociais.

Figura 4 - Capa do jornal "Lampião da Esquina, 1979



Fonte: Revista Gama (2020)

Três anos depois, um grupo de lésbicas fundaram o jornal ChanacomChana que era vendido no Ferro's Bar, conhecido bar lésbico da época. Este grupo acabou não sendo aprovado pelo dono do bar, e em 1983 isto resultou em um movimento que ficou conhecido como "Stonewall brasileiro". Este movimento resultou no fim da proibição da comercialização do jornal ChanacomChana em 19 de agosto de 1983, que até os dias de hoje é reconhecido como Dia do Orgulho Lésbico em São Paulo.

Figura 5 - Capa da Revista ChanacomChana



Fonte: Revista Gama (2020)

2.3 Luta LGBTQIA+ ao longo dos anos

Segundo palavras da pesquisadora Regina Facchini, “a doença da AIDS foi um baque para o crescimento do movimento homossexual.” (VIEIRA, William. 2020). O termo “peste gay” ainda era utilizado nocivamente nos noticiários brasileiros para descrever a comunidade homossexual, na qual era taxada ainda como doença, o

“câncer gay”, o que seria um castigo divino que incentivaria ainda mais a violência e o preconceito. Devido a isto, este movimento passara por um momento sombrio, onde muitos gays voltaram para o armário e também grupos se dissiparam. Apesar do que parecia ser uma derrota, em 1985 foi criado o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA), a primeira Ong Americo-Latina na luta contra a AIDS. Este grupo foi resultado da pressão do movimento que nasceu anos antes focado em direitos civis e da liberação sexual.

“Neste mesmo ano, foi criado também o grupo Triângulo Rosa, que se uniram também ao grupo Gay da Bahia, em apoio as vítimas e campanhas de esclarecimento, mas principalmente para pressionar o governo federal para retirar a homossexualidade na lista de doenças.” (VIEIRA, William. 2020).

Somente em 1990 que a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista de distúrbios psiquiátricos de sua Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID), uma referência aos médicos da época. Porém ainda haviam outras batalhas a serem vencidas: a transexualidade só deixou de ser doença para a OMS em junho de 2018, e ainda nos dias de hoje, segundo a Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA) ser LGBTQIA+ é crime em mais de 70 países, e em alguns, a pena é de morte.

Em 1992 foi fundada a Associação de Travestis e Liberados (Astral) no Rio de Janeiro, uma organização não governamental voltada para as pessoas transsexuais. Este foi o marco do Movimento Nacional de Travestis e Transexuais. O que já era considerado um marco, pois o movimento LGBTQIA+ sempre tendeu a ser liderado apenas pelo homem gay. E em 1966, foi realizado o primeiro Encontro Nacional de Travestis e liberados.

Figura 6 - Registro do Encontro Nacional de Travestis e liberados



Fonte: Revista Gama (2020)

No mesmo ano, Katya Tapety foi a primeira travesti a ocupar um cargo eletivo no Brasil, sendo vereadora do sertão do Piauí em 1992. Larrat seria também a primeira travesti a presidir a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), em 2017.

Figura 7 - Katya Tepety, eleita primeira vereadora trans do Brasil, em 1992



Fonte: Revista Gama (2020)

“Após quase 3 décadas depois das primeiras marchas pelo movimento homossexual nos Estados Unidos, a primeira marcha acontecia no Brasil, em 1995 uma conferência no Rio foi seguida por uma marcha. Em Curitiba, centenas se juntaram num pequeno ato. E em 1996, o mesmo aconteceu em São Paulo.” (VIEIRA, William. 2020).

Mas a primeira parada pensada e organizada foi em 1997, como um evento, que “reunia heterossexuais, homossexuais luta e celebração.” (VIEIRA, William. 2020).

Mesmo que a homossexualidade não fora mais considerada como doença pela medicina brasileira desde 1985, para alguns membros da psicologia ainda haveria uma cura para a homossexualidade, a denominada “cura gay”. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu o “tratamento” da homossexualidade como patologia. Mas em 2017, um grupo de psicólogos denunciados por praticar a cura gay conseguiram sentença favorável na Justiça do Distrito Federal, para a realização de terapias de conversão sexual, o que alegavam era a liberdade científica. O caso chegou ao STF, o que acabou proibindo totalmente esta prática em 2019. Porém a prática ainda é realizada em outros países, como os Estados Unidos por exemplo, sobretudo ligada a seitas religiosas. Segundo um estudo da Universidade da Califórnia, mais de 700 mil pessoas sofreram “terapia de reversão” no país.

No dia 29 de janeiro é comemorado no Brasil como o Dia da Visibilidade Trans pois no dia 29 de janeiro de 2004 travestis e transexuais ocupavam o Congresso, onde este grupo estaria sendo ouvido. Foi lançada a campanha “Travesti e Respeito”, do Ministério da Saúde, voltada para a cidadania da população travesti e transexual e também considerada como a primeira iniciativa contra a transfobia no Brasil.

Em 2005 foi criado o grupo Afro LGBTQIA+, reivindicando a questão policlassista que estaria sendo ignorada no movimento. “É preciso lembrar que classe e raça são marcadoras de desigualdade que reproduzem o discurso do resto da sociedade”, (Revista Gama. 2020). Estas são palavras de Washington Dias, um ativista que estava à frente deste movimento. Segundo ele, o LGBTQIA+ negro no Brasil sofreria um múltiplo preconceito, tanto por ser negro e também por ser homossexual.

Desde 1989 quando a Dinamarca se tornou o primeiro país a aceitar legalmente a união de duas pessoas do mesmo sexo, esta lei ao longo dos anos foi aplicada também a outros países do mundo. No Brasil, legalizar a união homoafetiva foi disputada por Marta Suplicy através do projeto de lei 1151, de 1995. E só anos depois, em 2011 que o projeto foi sancionado pelo STF e aprovado para todo o país. E em 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a resolução que obriga cartórios

a realizarem casamento para pessoas do mesmo sexo. Nos dias de hoje o casamento é considerado legal perante a lei, mas o que garante os casamentos e uniões entre pessoas do mesmo sexo é a jurisprudência.

Um grande marco para os direitos transexuais foi em 2008, quando o processo transexualizador foi garantido gratuitamente a população brasileira através do SUS. Contando também a partir de 2013, o acompanhamento hormonal de pessoas travestis que buscam este tratamento mas não desejam a operação, e a operação para homens trans.

Até 4 anos atrás, pessoas transexuais utilizavam documentos oficiais que não representavam a sua verdadeira identidade de gênero, e em 2016, através do decreto da presidente Dilma Rousseff, permitiu o uso do nome social para a população transexual. Mas somente em 2018 o STF decidiu que pessoas trans podem mudar o seu nome sem precisarem passar por cirurgia.

Em 2019 o STF enquadra a homofobia e transfobia na lei de crimes de racismo. A decisão não muda a burocracia e preconceito nas delegacias, mas garante maior conscientização dos direitos desta minoria social.

Logo após tantas lutas deste grupo, em 2020, foi sancionado também pelo STF a lei que “declarava inconstitucional a proibição de doação de sangue pelos homossexuais masculinos” (VIEIRA, William. 2020), que até então deveriam esperar 12 meses sem nenhuma relação sexual para poderem doar sangue a quem precisa. Apesar de todas estas vitórias, a luta segue ainda no dia a dia, para acabarmos cada vez mais com o preconceito e a discriminação.

Figura 8 - Mapa cronológico do movimento LGBTQIA+ no Brasil e no mundo



Fonte: Própria (2022)

2.4 Questionamento sobre distinção de gênero

O questionamento sobre a distinção de gênero e sexualidade mostrou as faces de uma “heterossexualidade compulsória” (FIGUEIREDO, Eudice. 2018). Esta definição é baseada na ideia de que a identidade de gênero é composta pelo seu fator biológico e a sexualidade seria uma construção social. Este questionamento que até então foi apenas sobre a homossexualidade de homens e mulheres, nos permitiu a inclusão de mais vertentes de identidade de gênero e opções sexuais. A ideia de construção variável a identidade permitiu a inclusão de novas categorias de gênero, como os intersexuais e os transexuais. Enxergar as várias vertentes nos permitiu ainda mais visualizar que a questão social de gênero é muito mais abrangente do que apenas o conceito de gays ou lésbicas, e que dentro da comunidade LGBTQIA+ existem identidades de gênero que são ainda mais ignoradas e rejeitadas, o que é o caso de pessoas que não se definem como homossexuais. Não podemos definir apenas em duas matrizes principais o conceito de identidade e sexualidade.

2.5 Criação das casas de acolhimento no Brasil e no mundo

Os primeiros locais de acolhimento LGBTQIA+ surgiram nos Estados Unidos, em Nova York em meados dos anos 80 de acordo com (SOUZA, Lúcio. 2017), “onde havia a cultura dos bailes, chamados de “Ballroom””. Nestes bailes, haviam disputas

entre pessoas em diversas categorias: como roupas, desfiles, danças, entre outros. E cada grupo de pessoas haviam suas próprias “casas”, que era liderada por uma mãe regente, e outras pessoas que posteriormente foram acolhidas por esta primeira pessoa. A ideia destes era de que mesmo estas minorias sociais sabiam se portar perante a sociedade. Principalmente durante o surto da AIDS, pessoas chamadas “mother” eram líderes destas casas, que eram pessoas que acolhiam principalmente pessoas homossexuais em situação de rua ou expulsão de suas casas, e buscavam abrigo para passar a noite nas ballrooms. Uma referência a representação para quem se interessa por este assunto é a Série “Pose”, disponível na Netflix. Para quem já assistiu a série, a mesma mostra a realidade de muitas mulheres transexuais e pessoas homossexuais que não possuem uma moradia ou emprego, e acabam se prostituindo para poder sobreviver, o que é uma triste realidade até os dias atuais.

Figura 9 - Imagem de divulgação da série "Pose"



Fonte: Netflix (2022)

Segundo (MARQUES, Beatriz. 2021) “não há registros da criação das Ballrooms no Brasil, mas existem algumas casas pelo país e que possivelmente também oferecem este tipo de acolhimento.”

Mas segundo o (FRANÇA, Wanderson. 2019), surgiu em 2015 no quesito moradia o primeiro projeto de acolhimento chamado Centro de Acolhida Florescer, “uma organização sem fins lucrativos para travestis e mulheres transexuais em situação vulnerável, desenvolvida pela deputada eleita pelo PSOL, Sâmia Bomfim.”

E a partir de 2016, surgiram diversos outros projetos semelhantes nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Manaus e entre outros. Estes projetos além da moradia, oferecem projetos de inclusão cultural, social, de educação e cidadania. Durante este período até os dias atuais, diversas casas de acolhimento

nasceram a partir de organizações não governamentais, como a Casa 1, O Projeto Transviver entre outros relacionados.

Segundo (HENRIQUE PERES, Edis. 2021) “no que se refere ao poder público, em 2021, no Distrito Federal instalou-se sea primeira casa de acolhimento para o público LGBTQIA+ gerida pelo poder público.” O objetivo é o acolhimento de pessoas deste grupo que foram expulsas de casa ou estão em situação de vulnerabilidade.

2.6 Referências Linguísticas no mundo LGBTQIA+

A representação linguística masculina ou feminina vem sendo utilizada a séculos nos livros, revistas, jornais e diversos meios de comunicação. Mas considerando o contexto amplo da identidade de gênero e sexualidade, seria esta forma mais correta de representação gramatical para inclusão de todos os gêneros? O conceito de uso da linguagem neutra é a oposição aos tradicionais gêneros utilizados pela língua portuguesa (feminino e masculino apenas), “o que é estável e não se altera pela ação dos falantes da língua” (TDXS NÓS, Blog. Guia de Linguagem Inclusiva.2020). O desejo de visibilidade da minoria que não se identifica com nenhum gênero é resultado da falta de representação da diversidade sexual de gênero, o que pode ser estabelecida como uma “pirâmide”. Imagine o formato desta pirâmide, onde no topo estaria a classe heterossexual dominante na sociedade, abaixo dela estaria os gays e lésbicas e abaixo ainda estariam as pessoas transexuais, não-binarias ou assexuais. O que vimos atualmente é apenas a representação da diversidade LGBTQIA+ como se fosse apenas os homossexuais, mas conforme os estudos de gênero foram avançando, confirmamos que a diversidade sexual é muito mais complexa do que imaginamos. Compreender a linguagem neutra nos ajudará a utilizar futuramente elementos que possam representar todas as classes de gênero e sexualidade.

3 DESENVOLVIMENTO

Iniciando o desenvolvimento do projeto, compreendeu-se se possuem outros projetos que sejam semelhantes, e que executem objetivos próximos ao deste trabalho. Quais órgãos no Brasil (ongs, instituições sem fins lucrativos, etc.) realizam acolhimento de pessoas LGBTQIA+ no Brasil? E como esta informação é divulgada? Pesquisa com público alvo: O que o público alvo espera deste projeto? Quais informações desejam ser repassadas ou adquiridas pelo público alvo na plataforma? Há algum consenso comum sobre informações que o público deseja visualizar no projeto? Entender o desejo do público alvo auxiliou na criação de alternativas direcionadas para estas pessoas. Foi realizado um levantamento visual destes projetos, para ser utilizado como referência e entender se existe um conceito geral utilizado por trabalhos similares. Há algum padrão de cores? Qual é a melhor identidade que poderá ser desenvolvida para o nosso público alvo? Qual a mensagem passada por estes órgãos existentes? Pesquisa de ferramentas de design: Qual a ferramenta do Design que poderá ser melhor utilizada para a divulgação da informação desejada? Será um aplicativo ou site? Precisou-se desenvolver este trabalho para que seja melhor utilizado pelo nosso público alvo.

3.1 Pesquisa com público alvo e projetos semelhantes

O público alvo principal foram as ONG's, instituições não governamentais que realizam acolhimento de pessoas sem moradia no Brasil, aqui está alguns exemplos de instituições que realizam este trabalho:

3.1.1 Ong's e grupos de apoio

- Espaço Curitibano da Diversidade LGBTQIA+ (grupo do facebook):

Figura 10 - Capa Espaço Curitibano



Fonte: Facebook. (2022) Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/699047100150352>
Acesso em: 15/05/2022.

- GRUPO DIGNIDADE: Projeto destinado a Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual, identidade e expressão de gênero, bem como dos direitos humanos e da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais (LGBTQIAI+). (BELÉM, Rafael. Casa Vogue. 2020).
- Casa Aurora: Casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em Salvador, Bahia.

Figura 11 - Logomarca Casa Aurora



Fonte: Casa Vogue (2020)

- Transviver: Casa de acolhimento de pessoas LGBTQIAI+ em situação de vulnerabilidade social de Pernambuco.

Figura 12 - Logomarca Transviver



Fonte: Casa Vogue (2020)

- Coletivo Arouchianos (São Paulo, SP): Centro de acolhida a pessoas LGBTQIA+ em Largo do Arouche, SP. A iniciativa promove a cultura, arte, esporte, política e questões sociais da comunidade LGBTQIAI+. E em 2019, passou também a ser um centro de acolhimento.

Figura 13 - Logomarca Coletivo Aurichanos (Casa destinada a acolhimento LGBTQIA+ na região de do Largo do Arouche, em São Paulo



Fonte: Casa Vogue (2020)

3.1.2 Plataformas de acolhimento:

- All Out: Organização global pela defesa dos direitos LGBTQIA+. O objetivo do projeto é a mobilização de pessoas ao redor do mundo sobre a causa e conscientização dos direitos, afim de causar mudanças positivas na sociedade. Mobilização para defesa deste grupo diante de leis, fatores preconceituosos e etc. Realizam abaixo assinados, protestos e campanhas de arrecadação de fundos.

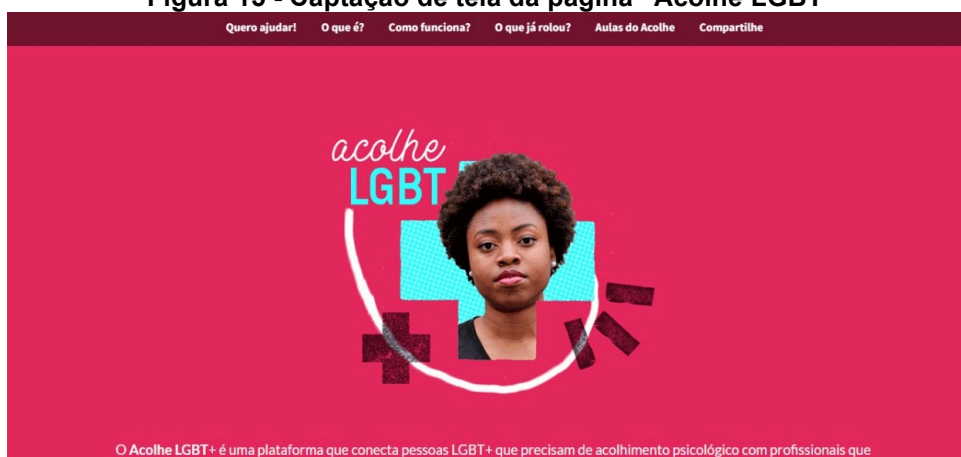
Figura 14 - Logomarca All Out



Fonte: Site Gente Globo (2020)

- Acolhe LGBT: Site destinado a acolhimento psicológico a pessoas LGBTQIA+ em vulnerabilidade. O objetivo deste projeto é conectar o usuário com profissionais capacitados de forma voluntária para auxiliar este público;

Figura 15 - Captação de tela da página “Acolhe LGBT”



Fonte: Página da Internet “Acolhe LGBT” (2022)

- Todxs (site): Organização sem fins lucrativos que realiza a inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade, formando-as através iniciativas de aprendizado, segurança, pesquisa e conscientização.

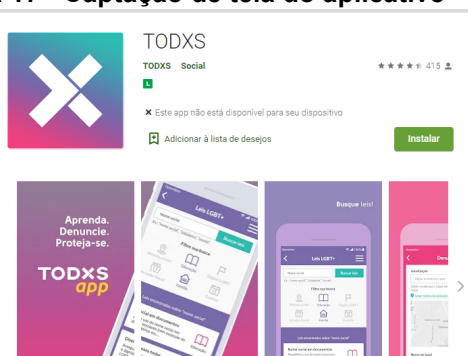
Figura 16 - Captação de tela da página “Todxs”



Fonte: Página da Internet “Todxs” (2022)

- Todxs (app): Aplicativo mobile que dá acesso prático e gratuito a leis municipais, estaduais e federais relacionadas com a causa LGBTQIA+. Além disso, o app oferece uma ferramenta de busca de apoio a pessoas da comunidade e um portal de denúncia.

Figura 17 - Captação de tela do aplicativo “Todxs”



Fonte: Página da internet App “Todxs” (2022)

- Blog Casa Vogue: blog do Website Casa Vogue que divulga listas de casas de acolhimento no Brasil.

Figura 18 - Captação de tela do blog “Casa Vogue”



Fonte: Página “Casa Vogue” (2022)

- Website Gente Globo: página de website que divulga iniciativas de acolhimento.

Figura 19 - Captação de tela do website “Gente.Globo”



Fonte: Página do website Gente Globo (2022)

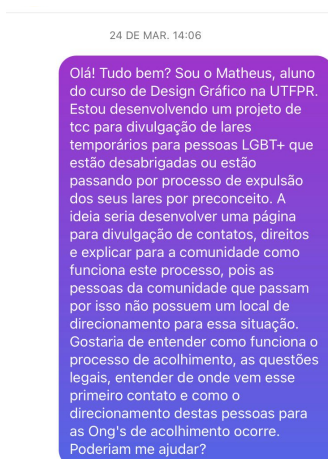
3.2 Entrevista com público alvo e organizações de acolhimento

Nesta etapa foi realizado o contato com organizações que realizam o acolhimento físico de pessoas LGBTQIA+ que estão em situação de vulnerabilidade. Compreendeu-se na vivência como é realizado este acolhimento, quais os processos necessários, ou se possuem algum pré-requisito para que estas pessoas sejam acolhidas. Como estas pessoas em vulnerabilidade chegam até estas organizações?

3.2.1 Método de contato

O contato foi realizado através de contatos nas redes sociais (Figura 20) e também através de ligações telefônicas, para contactar estas instituições e compreender seu funcionamento. Foram utilizadas algumas perguntas padronizadas para receber os dados das instituições. (Apêndice A).

Figura 20 - Captação de tela de contato com a ONG “grupo arco íris”



Fonte: Própria (2022)

3.2.2 “Bate papo” com as ong’s

Após o primeiro contato foi realizada uma conversa, com alguns questionamentos por parte do autor (Apêndice A) do projeto, para entendimento do funcionamento destas instituições de acolhimento. Este questionário serviu como base para compreender o funcionamento e regras gerais das ONG’s, e pode-se entender o padrão de trabalho entre elas a partir deste. Algumas informações gerais também foram solicitadas, como dados, o tipo de acolhimento a organização realiza, como as pessoas chegam até as ONG’s, entre outros. Nesta conversa, pode-se

entender quais as dificuldades destas organizações, a vivência na prática e entendimento de como funciona o acolhimento destas pessoas. As pessoas que estão em vulnerabilidade entram em contato com estas ONG's, solicitam informações do acolhimento, verificam disponibilidade e em alguns casos, respondem questionários pré-determinados pelas organizações, para verificar as informações destas pessoas que estão solicitando abrigo neste primeiro contato. Ou também podem ser realizadas indicações, como em casos de lotação de uma organização de acolhimento por exemplo, onde o acolhido é direcionado a alguma outra instituição. E em alguns casos, até mesmo a casa das próprias pessoas que trabalham como voluntárias. O contato pode ser através de ligações, redes sociais, whatsapp, entre outros.

Verificou-se a alta demanda do primeiro contato destas pessoas com as instituições, onde muitas vezes as próprias instituições não têm como responder mensagens via internet com facilidade por exemplo, onde a demanda mais alta além do acolhimento em si, é a divulgação desta primeira informação aos usuários. Além do abrigo físico a estas pessoas, as organizações fornecem roupas, itens de higiene pessoal (shampoo, sabonete, etc.), locais para tomar banho, aplicam projetos de inclusão social, de divulgação de direitos LGBTQIA+ e também a formação e treinamento para estas pessoas em diversas áreas. Assim como não são todas as instituições que realizam acolhimento físico, há outras que realizam apenas serviços de auxílio para pessoas desta comunidade. Os espaços de acolhimento contam com dormitórios e espaços compartilhados, como cozinhas e banheiros, para uso de todas as pessoas que estão sendo acolhidas.

3.2.3 Identificação da necessidade:

Não há alguma página ou projeto semelhante especializado na divulgação de lares temporários para pessoas LGBTQIA+, especificando sua localização. Há apenas páginas de auxílio psicológico e social, mas não de moradia. As páginas que divulgam estas informações apresentam apenas os lares mais conhecidos nacionalmente, não divulgando projetos que são menos reconhecidos e que possuem dificuldade do usuário para a busca. Imagine quem está em uma situação de expulsão e vulnerabilidade precisa desta informação o mais rápido possível, pois trata-se de uma situação de urgência. Os únicos mecanismos de busca são os próprios sites de

pesquisa, como “Google” por exemplo. A conclusão desta pesquisa é que se fez necessária a criação de uma página unificada para divulgação de todas estas informações, para a conexão inicial das instituições x usuários, com informações gerais de acolhimento que possam ser apresentadas ao primeiro contato da pessoa que está em vulnerabilidade. Devido à falta da centralização destes contatos, todas as informações estão dispersas em diversos sites e páginas, onde em uma situação de urgência e necessidade não é prática ao usuário, que acaba não sabendo onde pesquisar estas informações corretamente.

3.2.4 Levantamento de contatos e instituições

Após a pesquisa com o público alvo foi realizada o levantamento de nomes, contatos e endereços de instituições existentes de acolhimento no Estado do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, entre outros. Com estes dados pode-se distinguir um número de lugares que não são divulgados por nenhuma plataforma existente, e podem acabar sendo não notados por usuários que necessitam destas informações. Esta base de dados serviu para utilização posterior na plataforma, onde pode ser representada ao usuário na interface, e até mesmo sua geolocalização. Os dados coletados foram de 59 ongs nestas localidades citadas, com foco na cidade de Curitiba. Esta base de dados foi anexada a uma planilha base (Tabela 1), onde pode-se analisar os números e dados. Considerando a base de dados levantada, analisou-se a quantidade de instituições por Estado:

Tabela 1 – ONG's, endereços e contatos

Estado	Total De Ongs
SP	11
SC	11
PR	32
MG	3
BAHIA	2
TOTAL	59

Fonte: Própria (2022)

3.3 Geração de ideias e referência inicial

Foi realizada durante a matéria de WEBDESIGN, um trabalho inicial referente ao início deste projeto como parte da pesquisa e desenvolvimento. A ideia desta

primeira geração de ideia é o primeiro esboço inicial e visualização de como ficaria a página em sua forma primordial, como número de páginas, estudo de paleta de cores, entre outros. A página possui 5 tópicos para divulgação das informações principais:

3.3.1 Página inicial/cadastro:

Primeira página contendo informações básicas sobre a página, e logo abaixo, solicita ao usuário para que localize através da geolocalização um lar de acolhimento mais próximo. Solicitando também informações básicas do acolhido, como Nome, Contato e qual cidade e estado está localizado.

3.3.2 Sobre:

Página dedicada para explicar em resumo o objetivo da página e também informações que são importantes para primeiro contato e entendimento do usuário na interface. Explica um pouco do funcionamento, sobre a criação do projeto entre outros dados.

3.3.3 Direitos LGBTQIA+:

Página explicando alguns direitos LGBTQIA+, com descrição sobre cada lei, seu funcionamento e data de criação.

3.3.4 Como funciona:

Página explicativa ao usuário dando informações sobre como funciona este processo de acolhimento através da página.

3.3.5 Depoimentos:

Página fictícia contendo depoimentos de pessoas que já foram acolhidas em algum lar temporário, contando sua experiência aos novos usuários.

3.3.6 Entre em contato:

Página dedicada a divulgação do contato do projeto, como endereço, telefone e e-mail dos responsáveis.

Figura 21 - Captação de tela da Página de direitos LGBTQIA “Acolher +”

acolher +
mais

INÍCIO CADASTRO SOBRE DIREITOS LGBTQIA+ ENTRE EM CONTATO MAIS

DIREITOS lgbt+
Widget Didn't Load
Check your internet and refresh this page.

- SUS passa a realizar cirurgias de redesignação sexual**

Em agosto de 2008, pela Portaria Nº 457, de 2008, o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a realizar cirurgias de redesignação sexual para mulheres transsexuais. A partir de 2013, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 2803, ampliou o processo transexualizador no SUS, e posteriormente, em 2019, autorizou cirurgias de readequação sexual de gênero feminino para masculino.
- Aprovação da Lei Maria da Penha que inclui políticas para mulheres LGBT**

A Lei Maria da Penha (N.º 11.340/06) criou mecanismos para coibir violência doméstica contra a mulher, independente da sua orientação sexual. Esta lei também tem sido usada pela Justiça para coibir a violência doméstica contra mulheres transsexuais e travestis.
- STJ reconhece que casais homossexuais têm direito de adotar filhos**

Em maio de 2010, o STJ reconheceu, por unanimidade, que casais formados por homossexuais têm o direito de adotar filhos. Também em março de 2015 a Ministra Cármen Lúcia, do STF, decidiu pelo direito de adoção por casais homoafetivos, destacando que "a Constituição Federal não faz diferenciação entre casais heterossexuais ou homoafetivos".
- CNJ emite resolução para realização do casamento homoafetivo em cartórios**

Em 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a Resolução nº 175, que permitiu os cartórios de todo o Brasil a realizarem diretamente o casamento civil ou conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.
- Decreto garante uso do nome social e reconhecimento da identidade de gênero**

Em abril de 2016, foi publicado o decreto Nº 8.727 que garante o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans e transsexuais no âmbito da administração pública federal. O nome social pode ser usado em atendimentos no SUS, Enem e cartórios, contas bancárias e outros.
- STF autoriza alteração de nome e gênero no registro civil nos cartórios.**

Em agosto de 2018, O STF autorizou pessoas trans a alterarem no registro civil sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual ou decisão judicial. Com a decisão, a alteração pode ser feita diretamente no cartório mais próximo.
- STF determina que discriminação contra pessoas LGBT é crime**

Em junho de 2019, o STF determinou que a discriminação contra pessoas LGBT seja enquadrada nos crimes previstos na Lei Nº 7.716/1989 (Lei do Racismo), prevendo penas de até 5 anos de prisão, até que uma lei específica seja aprovada pelo Congresso Nacional.
- STF suspende restrições para doação de sangue por homossexuais**

Em maio de 2020, o STF declarou inconstitucional e suspendeu as normas do Ministério da Saúde e Anvisa que exigiam aos homossexuais abstinência sexual de um ano para doarem sangue.

acolher +
mais

©2021 por Meu Site. Orgulhosamente criado com Wix.com

Fonte: Própria (2022)

Figura 22 - Captação de tela da Página principal fictícia do projeto Acolher+.



Fonte: Própria (2022)

3.4 Paleta de cores/elementos visuais

Para a paleta de cores foram utilizadas as cores da conhecida bandeira do arco-íris, símbolo utilizado para representar o grupo LGBTQIA+. Devido ao gerenciamento de cores na plataforma foram utilizadas estas cores consideradas “mais neutras”, e que também possuem grande referência visual aos usuários. Apesar de haver outras categorias de gênero e sexualidade com suas cores próprias, para maior representação dos outros grupos foram utilizados outros recursos visuais: tais como fotografias, desenhos, etc. As principais cores do arco-íris são o vermelho, laranja, amarela, verde, azul, azul-escuro e violeta. As cores são representadas através dos códigos de cores abaixo: Vermelho: RGB 225 1 1; Laranja: RGB 253

140 0; Amarelo: RGB 254 237 1; Verde: RGB 0 127 34; Azul: 0 77 251; Violeta RGB 108 10 123.

Figura 23 - Paleta de Cores projeto Acolher+



Fonte: Própria (2022)

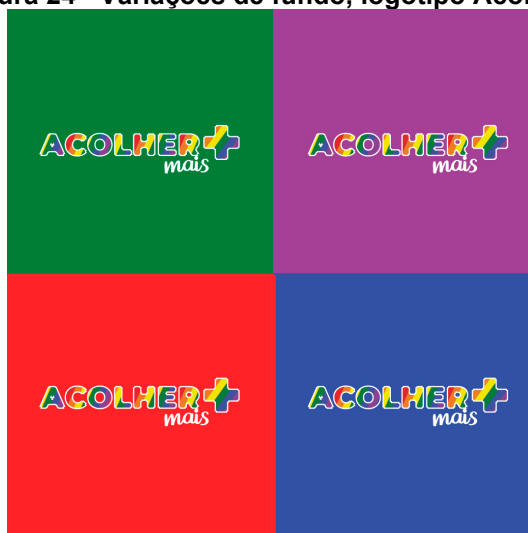
3.5 Logomarca do projeto

Para a representação da marca com o nome da plataforma, foi desenvolvido um logotipo conforme (Apêndice B).

A marca possui elementos de representação visual com a paleta do arco íris e tipografia geométrica e cursiva. As cores foram utilizadas para representação principal da paleta de cores que há em todo projeto (Página 40). A marca possui contorno branco na tipografia principal para destaque das cores utilizadas. Foram utilizadas como fundo as mesmas utilizadas na paleta de cores principal, utilizadas neste exemplo as cores de fundo verde, violeta, vermelho e azul. (Pg. 41), com letras para diferentes fundos para não haver casos de homogenia visual das cores. Devido a possibilidade de uso da marca em diversos fundos, este estudo foi realizado com o intuito de visualização da marca em fundos coloridos. Seguindo o padrão da paleta de

cores, para fundo, devem ser utilizadas as mesmas já estabelecidas. E juntamente as cores branco e preto, códigos: 255,255,255 (RGB) e 0,0,0 (RGB) respectivamente. O preto foi utilizado para contrastar com a tipografia principal, e quando for utilizados outros fundos com outras cores se não a cor branca, deve ser alterado a cor preta para a branca conforme códigos: 255,255,255 (RGB) e 0,0,0 (RGB) respectivamente. Exemplo:

Figura 24 - Variações de fundo, logotipo Acolher+



Fonte: Própria (2022)

3.6 Tipografia logotipo

As fontes utilizadas para a criação da logomarca foram: Montserrat Black (FONTS, Google. 2022) e Homework Regular (FREE, Fonts. 2022), disponíveis gratuitamente na internet. A ideia da combinação destas fontes foi a de grande representação do nome principal da marca, com o “mais” escrito em outra fonte como sendo uma tagline ou slogan secundário.

Figura 25 - Alfabeto representativo da Fonte Montserrat Black

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890
!@#\$%^&*()_+=[{};:'"\|/.,

Fonte: Allfont.net (2022)

Figura 26 - Alfabeto representativo da fonte Homework Regular

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
u	v	w	x	y	z	A	B	C	D
E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X
Y	Z	☒	☒	@	#	\$	%	^	&
*	()	[]	{	}	:	>	<

Fonte: Online Web Fonts (2022)

3.7 Modelos de aplicação da marca

Para melhor visualização da aplicação da marca Acolher+ em objetos reais, foram realizados modelos de aplicação conforme as figuras abaixo:

Figura 27 - Modelo de Aplicação da marca Acolher+ em papelaria



Fonte: Freepik (2022)

Figura 28 - Modelo de representação da marca Acolher+ em boné



Fonte: Freepik (2022)

3.8 Wireframes

Com a marca e paleta de cores da plataforma pré-definida, foram realizados os primeiros testes de corpo da página web/wireframes, onde pode-se visualizar bruta a estrutura da página web. Para desenvolvimento da plataforma, foi utilizado o aplicativo “Figma” (WEBSITE, Figma.2022). Neste escopo precisou ser incluído os tópicos principais da nossa plataforma, tais sendo:

- Apresentação principal: Esta aba foi direcionada a apresentação da plataforma, tais como objetivos e seu início. Utilizou-se nesta parte figuras ou textos impactantes ao usuário, para que logo que entre na plataforma abaixo do menu tenha algo motivacional e didático;
- Cadastro de pessoas que desejam acolhimento: Nesta aba, é solicitado ao usuário que deseja acolhimento que digite sua localização atual, e através da geolocalização, a plataforma apresenta as casas de acolhimento mais próximas conforme dados recolhidos na base de dados das organizações. Considerando a singularidade de pré-requisitos, serviços e métodos de cada organização, será divulgado as informações mais gerais sobre acolhimento, e telefone de cada ONG;
- Cadastro de organizações que desejam participar do projeto: Nesta aba, organizações interessadas poderão preencher formulários de solicitação de inclusão na plataforma, com seus dados que posteriormente serão revisados pelo responsável da página, para conferência dos mesmos e inclusão;
- Linha Histórica de conquistas LGBTQIA+: Uma informação importante para os públicos alvo tanto das pessoas que precisam de acolhimento quanto das organizações, é a apresentação das vitórias já conquistadas através dos anos

pela comunidade LGBTQIA+, e suas respectivas datas em ordem cronológica. Nesta parte o usuário poderá visualizar estas informações principais em formato de linha do tempo;

- Contato: Aba final da plataforma destinada para dúvidas e divulgação do contato do responsável pela página;

Nesta etapa foi verificado que a página poderia ser estruturada no modelo “One Page” (Página única, em português). Pois foi utilizado um menu principal com focos direcionados, sendo assim a mesma pode ser uma página principal direcionável aos tópicos principais, quando clicada pelo usuário. Juntamente a este modelo, a simplicidade da página pode fornecer uma direção do foco do usuário para as informações mais relevantes, com suas respectivas abas e explicações. A página web tem a seguinte dimensão: 1109x5846 pixels.

Figura 29 - Wireframe da página Acolher+



Fonte: Própria (2022)

3.9 Elementos visuais

Para os elementos visuais de complemento do layout da plataforma, foi utilizado figuras e ilustrações relacionadas ao tema, todas retiradas através do site Freepik. (WEBSITE, Freepik. 2022). Durante a visualização da plataforma, poderá ser vista a logomarca do Freepik para referência da utilização das imagens.

Considerando o cenário de maior inclusão foram utilizados elementos ilustrativos com referência a comunidade LGBTQIA+, no geral e suas categorias de gênero e sexualidade: como pessoas transsexuais, não binárias, intersexo, lésbicas, entre outros. É importante utilizar estes elementos para reforçar que existem uma ampla categoria de diversidade dentro da sigla LGBTQIA+. Também representada através de desenhos de pessoas mostrando a diversidade de gêneros e sexualidade, entre outros elementos relacionados ao tema. Também foram utilizados elementos que representassem o amor e o acolhimento.

Figura 30 - Bandeiras de categorias LGBTQIA+



Fonte: Freepik (2022)

Figura 31 - Elementos de representação de pessoas LGBTQIA+



Fonte: Freepik (2022)

Figura 32 - Elementos visuais de representação LGBTQIA+



Fonte: Freepik (2022)

Figura 33 - Elementos visuais LGBTQIA+



Fonte: Freepik (2022)

3.10 Funcionamento e manutenção da plataforma

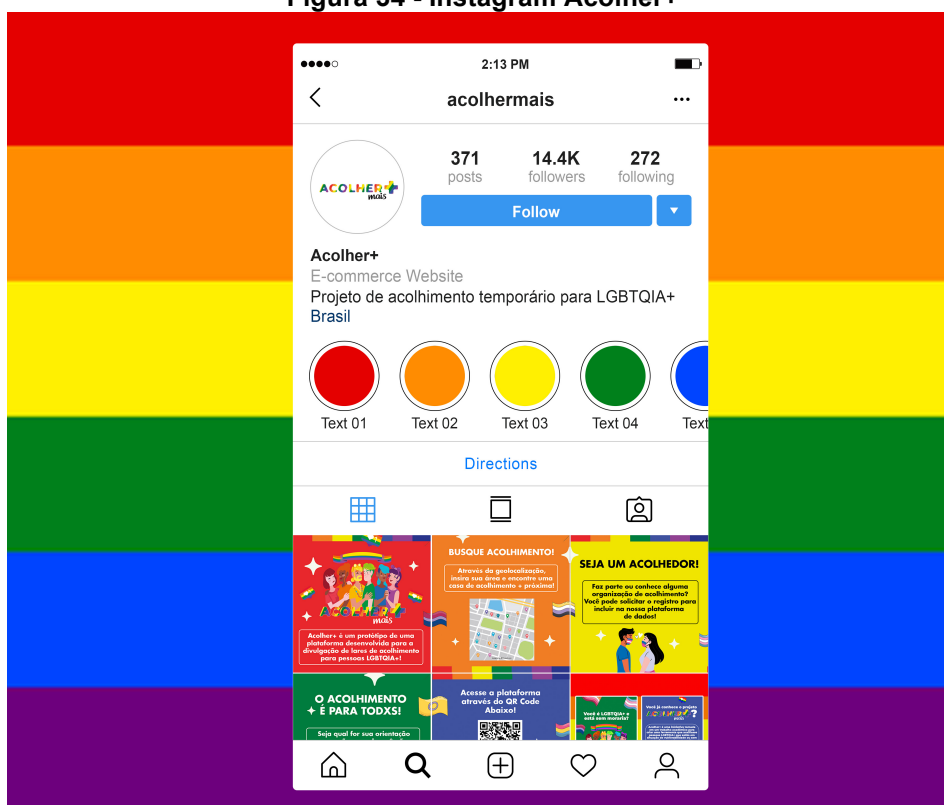
Este é um protótipo inicial desenvolvido através das plataformas de protótipo Figma. A manutenção da plataforma e a inclusão das informações do banco de dados das organizações será gerida pela pessoa responsável na plataforma. Para o público alvo de pessoas que necessitam de acolhimento, as mesmas serão direcionadas para

as instituições conforme o informe do endereço e geolocalização. Para as instituições de acolhimento, poderão solicitar registro através da aba de registros de instituições, onde poderão incluir seus dados como: telefone, endereço, entre outros. Os dados enviados serão direcionados ao e-mail do gerenciador da plataforma, e a responsabilidade de revisão e averiguação das informações será de sua autoria. Para garantir a confiabilidade de dados informados, faz-se necessária uma pré-confirmação antes para inclusão na base geral por parte do gerenciador.

3.11 Instagram e versão Mobile

Foi realizado também a criação de um instagram como forma de embasamento da marca e divulgação do projeto e suas informações para as pessoas através das redes sociais. Com isto, pode ser realizado campanhas de divulgação do projeto através de anúncios patrocinados com as plataformas da internet. Abaixo, está o exemplo de como seriam estas versões:

Figura 34 - Instagram Acolher+



Fonte: Própria (2022)

Figura 35 - Acolher+ Versão Mobile



Fonte: Própria (2022)

3.12 Resultado final:

O resultado final do protótipo pode ser acessado através do link abaixo:

- <https://www.figma.com/proto/1tlrouvMX7P2F2KNSQc01M/Untitled?node-id=37%3A383&scaling=min-zoom&page-id=0%3A1>

Figura 36 - Protótipo final Plataforma Acolher+

O protótipo da Plataforma Acolher+ é composto por várias seções coloridas e informativas:

- Topo:** Logotipo "ACOLHER+ mais" com uma barra decorativa colorida. Abaixo dele, uma barra de navegação com ícones para "HOME", "ACOLHER", "SEJA UM ACOLEDOR", "MUNDO LGBT" e "CONTATO".
- Seção 1 (Azul):** Título "Saiba que você não está sozinho!". Subtítulo "QUEM SOMOS?". Texto: "Acolher+ é uma iniciativa tomada em um trabalho acadêmico para criar uma ferramenta que acolha pessoas LGBTQIA+ que estão em situação de vulnerabilidade no trabalho, especialmente em tempo parcial".
- Seção 2 (Vermelho):** Título "BUSQUE ACOlhIMENTO!". Texto: "Está precisando de acolhimento ou far temporário? Selecione sua área e indicaremos uma organização mais próxima de você!". Inclui um campo de busca e um mapa de localização.
- Seção 3 (Laranja):** Título "SEJA UM ACOLEDOR!". Texto: "Quer incluir sua organização no nosso banco de dados? Envie seus dados abaixo e cadastre-se como acolhedor na nossa plataformas!".
- Seção 4 (Verde):** Formulário de registro com campos para: Nome, Email, Cidade, Telefone, Endereço. Botão "SOLICITAR REGISTRO".
- Seção 5 (Púrpura):** Título "MUNDO LGBT!". Texto: "Já conhece algumas das principais vitórias e direitos LGBT ao longo dos anos?".
- Seção 6 (Mapa):** Um mapa mundial com uma linha do tempo de vitórias e direitos LGBT em diferentes países, desde os anos 10 até os anos 2000.
- Seção 7 (Púrpura escuro):** Título "CONTATO". Texto: "Está com alguma dúvida? Entre em contato com a gente! (41) 99514-4664 matheus_almeida@hotmail.com". Logo "Love Wins!" e "ACOLHER+ mais".

Fonte: Própria (2022)

3.13 Apresentação da plataforma para o público alvo:

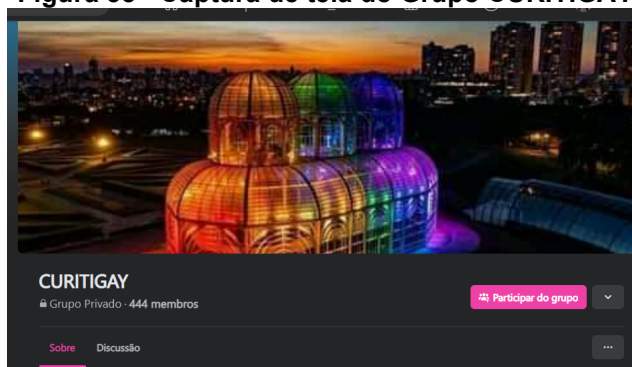
A plataforma foi divulgada para o público alvo através de grupos de comunidade LGBTQIA+ e via mensagem para instituições, englobando a comunidade e posteriormente as pessoas que precisam de acolhimento. Através de grupos destas

peças, conseguiu-se localizar direccionalmente pessoas que vivem a realidade LGBTQIA+ diariamente. Foram enviados aos possíveis usuários o link com acesso ao protótipo do Figma.



Fonte: Facebook (2022) Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/curitibagls>. Acesso em: 04/07/2022.

Figura 38 - Captura de tela do Grupo CURITIGAY



Fonte: Facebook (2022) Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2443600132612255>. Acesso em: 04/07/2022.

3.14 Material de apoio:

Considerando a pesquisa sobre a realidade LGBTQIA+ é considerável notar que muitas pessoas que estão nessa situação de vulnerabilidade não possuem lar ou moradia, e acabam tendo que morar nas ruas. Sendo assim, como estas pessoas terão acesso à internet, celulares, entre outros meios de comunicação para acessar a plataforma? A realidade é que muitas pessoas não possuem estas tecnologias atuais. E para atingir este público foi criado o material de apoio, um impresso que pode ser

entregos diretamente para esse público, com informações básicas sobre o projeto e o funcionamento da plataforma. Também poderão ser distribuídas nas casas de acolhimento, que convivem com pessoas em situação vulnerável diariamente e teriam a oportunidade de apresentar a plataforma. Será utilizado um modelo de flyer (10x15cm), com todas as informações básicas necessárias.

Figura 39 - Material de Apoio/Flyer de informações Acolher+



Fonte: Própria (2022)

4 CONCLUSÃO

Os fatores que geram a discriminação e o preconceito nos dias atuais de fato não é de hoje. Esta construção sempre esteve em nossa sociedade, estipulada por uma classe dominante heterogênea, que sempre definiu a diversidade sexual como sendo algo abominável e conflitante com os padrões estabelecidos biologicamente e socialmente. Neste trabalho tive como objetivo auxiliar esta minoria, pois ainda há uma diversidade de informação muito conhecida sobre a complexidade do estudo de gênero e sexualidade. Consegui compreender as causas da discriminação e prosseguir com o desenvolvimento de uma ferramenta acessível a esta minoria, que hoje não é ouvida. E centenas de pessoas passam por esta situação de rejeição, expulsão e discriminação.

Este trabalho contribuiu para o auxílio da divulgação da informação para as pessoas que estão em vulnerabilidade social e de moradia. Agora, este grupo poderá acessar rapidamente tais informações que se encontram dispersadas na internet. Servirá como canal de comunicação entre pessoas que precisam de acolhimento, e as organizações que acolhem.

Foi importante compreender historicamente a luta LGBTQIA+ ao longo dos anos e visualizar a criação deste movimento tão importante para representatividade, como também a criação destas casas de acolhimento. Isto nos mostra como o design pode ser aliado como ferramenta para divulgação destas informações e ajuda social. Uma página web pode ser apenas uma plataforma em si, mas com as informações e pesquisas corretas podem ajudar a mudar muitas vidas. Espero que este trabalho sirva como referência para o curso e o design, para inspirar outras pessoas a criarem projetos sociais de importância para a sociedade.

Meu principal aprendizado foi compreender que a luta LGBTQIA+ já acontece a muitos anos, e que ainda estamos nesta luta. Sendo membro desta comunidade, posso ajudar outras pessoas que muitas vezes vi precisaram de ajuda ou aquelas que nem sequer conheço. Já realizamos muitas vitórias ao longo dos anos, e ajudar a criar uma ferramenta que ajude pessoas que estão nesta luta é a principal gratificação ao realizar este trabalho. Estas informações não são divulgadas de forma clara e unificada, e acredito que este projeto pode ajudar muitas pessoas. Estas pessoas LGBTQIA+ que estão em situação vulnerável não possuem muitas vezes o que comer

e também onde morar, e a realidade da expulsão infelizmente está presente até os dias atuais na nossa sociedade.

Consegui compreender que as diversas classes de orientação e gênero acabam sendo muitas vezes ignoradas por ainda a maioria das pessoas relacionarem o LGBTQIA+ apenas ao “G” e ao “L” (apenas gays ou lésbicas), esquecendo que existem outras diversas pessoas que não se sentem representadas por apenas estas siglas. A realidade de pessoas transexuais é ainda mais difícil, pois além de muitas vezes sofrerem apenas a sexualidade, acabam sofrendo preconceito também por sua identificação de gênero, o que aos olhos da sociedade atual seria um problema maior do que apenas ser homossexual.

Dentre outros aprendizados, consegui compreender como o Design pode ser aliado a representação de causas sociais importantes na nossa atualidade. Sobre o funcionamento geral destes acolhimentos, e a realidade das pessoas que precisam e realizam este trabalho. Compreender a história do movimento me deu embasamento e auxílio para a criação deste projeto.

Este trabalho foi criado com o ideal de inclusão e acolhimento de todas as pessoas LGBTQIA+ que sofrem diariamente, espero que este trabalho ajude a diminuir um pouco este problema. Não estamos sozinh@s!

REFERÊNCIAS

Acolhe LGBT. **Acolhe LGBT**. Disponível em: <https://www.acolhelgbt.org/>. Acesso em: 04/07/2022

All Font. **Montserrat Black Download**. Disponível em: <https://allfont.net/download/montserrat-black/>. Acesso em: 04/07/2022

BELÉM, Rafael. Casa Vogue. 2020. **12 casas de acolhimento para LGBTIs no Brasil**. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/06/12-casas-de-acolhimento-para-lgbtis-no-brasil.html>. Acesso em: 15/05/2022.

Blog, Gente Globo. ARAÚJO, Caio. 2020. **Oito Iniciativas de acolhimento LGBT que você precisa conhecer**. Disponível em: <https://gente.globo.com/oito-iniciativas-de-acolhimento-lgbt-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 04/07/2022.

COSTA, Luísa. 2021. Revista Super Interessante. **Como surgiu a primeira parada do Orgulho LGBTQ+**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-historia-da-primeira-parada-do-orgulho-lgbt/>. Acesso em: 30/05/2022.

Figma. 2022. Disponível em: <https://www.figma.com>. Acesso em: 30/05/2022.

FIGUEIREDO, Eudice. 2018. **Desfazendo o gênero: A Teoria Queer de Judith Butler**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/download/138143/139436/290774>. Acesso em: 27/11/2021.

FONTS, Google. **Fonte Montserrat Black Download**. Disponível em: <https://fonts.google.com/specimen/Montserrat>. Acesso em: 30/05/2022.

FRANÇA. Wenderson. Portal Kondzilla. **Conheça três casas de acolhimento para jovens LGBT expulsos de casa, 2019**. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/conheca-tres-casas-de-acolhimento-para-jovens-lgbt-expulsos-de-casa>. Acesso em: 30/05/2022.

FREE, Fonts. **Fonte Homework Regular Free Download**. Disponível em: <https://fontsfree.net/homework-regular-font-download.html>. Acesso em: 30/05/2022.

Freepik. 2022. Disponível em: <https://www.freepik.com/home>. Acesso em: 30/05/2022.

Google Play. **Download App Todxs**. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.todxs&hl=pt_BR&gl=US. Acesso em: 04/07/2022

HENRIQUE PERES, Edis. Correio Braziliense. 2021. **Primeira casa de acolhimento para o público LGBTQIA+ é instalada no DF**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/05/4923607-primeira->

casa-de-acolhimento-para-o-publico-lgbtqia+-e-instalada-no-df.html. Acesso em: 30/05/2022.

KER, João. Revista Híbrida. 2020. **Marsha P. Johnson, de Stonewall ao fundo do rio Holland**. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/historia-queer/a-historia-de-marsha-p-johnson-de-stonewall-ao-fundo-do-rio-holland/>. Acesso em: 08/05/2022.

MARQUES, Beatriz. **INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO E CIDADANIA LGBTQI+**. Disponível em: https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/881/1/Beatriz%20Marques%20Silva_0004273.pdf. Acesso em: 30/05/2022.

MENEZES, Bruno; COSTA, Mariana; BORGES, Rebeca; Revista Metrôpoles. 2021. **Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é o país que mais assassina transexuais**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/pelo-12o-anoconsecutivo-brasil-e-o-pais-que-mais-assassina-transexuais>. Acesso em: 16/10/2021.

MISKOLCI, Richard. 2014. **ESTRANHANDO AS CIÊNCIAS SOCIAIS: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE TEORIA QUEER**. Acesso em: 25/11/2021. Disponível em: http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62/pdf_23> Acesso em:06/05/2022.

Netflix.2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 30/05/2022.

Online Web Fonts. **Homework Regular Font Download**. Disponível em: <https://www.onlinewebfonts.com/download/529a002d07cb46c3cdbfd98c6dc0426f>. Acesso em: 04/07/2022.

Pensador. AUGUSTO, Flávio. 2010. **Todas as diretrizes são resultado de um planejamento e todo planejamento é resultado de sonhos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NjQyMzk0/#:~:text=de%20um...-,%20Flavio%20Augusto,planejamento%20%C3%A9%20resultado%20de%20sonhos.&text=Pensador%3A%20colecione%20e%20compartilhe%20frases%2C%20poemas%2C%20mensagens%20e%20textos>. Acesso em: 04/07/2022

SOUZA, Lúcio. 2017. **BALLROOM - Glamour, orgulho e resistência**. Disponível em: <https://medium.com/@luciosouza/ballroom-glamour-orgulho-e-resist%C3%Aancia-f8d393e095cb>. Acesso em: 30/05/2022.

STOODI, Blog. Sem autor. 2021. **Movimento LGBT: o que é, história e muito +**. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>. Acesso em: 30/05/2022.

TDXS NÓS, Blog .2020 **Guia de Linguagem Inclusiva**. Disponível em: <https://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>. Acesso em: 29/11/2021.

Todxs. **Por um Brasil inclusivo e livre de discriminação**. Disponível em: <https://www.todxs.org/>. Acesso em: 04/07/2022.

VIEIRA, William. Revista Gama. 2020. **A luta nunca termina**. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/orgulho-de-que/linha-do-tempo-direitos-lgbt-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em: 15/05/2022.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Identificação:

Nome ONG: _____

Cidade: _____

Estado: _____

2- Qual o serviço prestado pela ONG? _____

3 – Informações específicas:

3.1- Acolhimento

Como as pessoas chegam até vocês? _____

Como realizam o acolhimento? _____

Há algo fornecido por vocês além do acolhimento? _____

Qual os meios de atendimento? _____

Como é realizado o primeiro atendimento? _____

Alguma outra informação? _____

Considerando o contexto do projeto, o que acha que poderia ajudar vocês? _____

APÊNDICE B - Logomarca Acolher+

ACOLHER 
mais